



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 36 | 2017

As formas da História das Ideias (em homenagem a José Esteves Pereira)

Araras

Anna Maria Moog Rodrigues



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3816>

DOI: 10.4000/cultura.3816

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2017

Paginação: 421-426

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Anna Maria Moog Rodrigues, « Araras », *Cultura* [Online], vol. 36 | 2017, posto online no dia 18 dezembro 2019, consultado a 08 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3816> ; DOI : 10.4000/cultura.3816

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 janeiro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Araras

Anna Maria Moog Rodrigues

- 1 Araras, 4 de abril de 2017
- 2 Querido amigo José Esteves:
- 3 Você não tem idéia do quanto fiquei contente ao receber a solicitação feita por sua amiga Cecília de uma bibliografia sobre o Centro Dom Vital. Foi você quem sugeriu que ela me telefonasse e eu fiquei feliz por ser lembrada depois de tanto tempo e lembrada por um amigo que me traz tantas e tão gratas recordações.
- 4 Soube por ela, pela sua amiga, que você está aposentado e que continua muito ativo, trabalhando em seus múltiplos interesses com o mesmo ânimo de sempre. Aproveito esta oportunidade para lhe dar os parabéns por ter alcançado tão cedo o reconhecimento universal pela brilhante carreira.
- 5 Lembro de quando o conheci: você era o mais novo – bem mais novo – dos “grandes” que se propunham iniciar o intercâmbio entre pesquisadores do pensamento luso-brasileiro: Miguel Reale, António Braz Teixeira, Francisco Caeiro, António Quadros e Afonso Botelho. Você era o mais novo, porém era aquele que de mansinho administrava e organizava as coisas. Não me lembro de quem foi a idéia inicial de organizar o lançamento em Portugal da obra completa do Tobias Barreto, obra que havia sido publicada em dez volumes pela Secretaria de Cultura de Sergipe, para festejar os 100 anos da morte do filósofo. A publicação da obra fora iniciativa do nosso amigo de muito saudosa memória Luiz Antonio Barreto, que era então o Secretário de Cultura.
- 6 Mas a idéia do Colóquio Tobias Barreto e a organização dele em Lisboa no ano de 1990 certamente tiveram o seu dedo. Penso também que você trabalhou com o Francisco Caeiro, o qual aproveitou a presença do brasileiro Luiz Alberto Cerqueira em Portugal, que terminava então o doutorado dele sob a orientação do próprio Caeiro, para ajudá-lo naquela tarefa.
- 7 Como foi, como não foi, o fato é que meses depois, em junho de 1990, nos encontrávamos todos nós, os vinte, dez portugueses e dez brasileiros, hospedados em Lisboa; não só hospedados mas festejados, jantados e almoçados por conta daquela iniciativa.

- 8 Certa vez, em outro daqueles nossos colóquios, estávamos nós dois no trem vindo a Lisboa de Viana do Castelo, se não me engano. Tentávamos recapitular quem teria estado em cada um dos colóquios. Comparávamos notas. Chegamos a recompor o nome dos vinte do primeiro deles: da parte dos portugueses, o Presidente nato, Francisco da Gama Caeiro (se é que se pode dizer isto quando não havia nem houve jamais presidente dos colóquios); a seguir o Afonso Botelho, depois o António Braz Teixeira, o António Quadros e você, o José Esteves. Era o núcleo em torno do qual giravam as figuras menores, ainda estudantes à época, Pedro Calafate, Manuel Cândido, Paulo Borges e Leonel Ribeiro dos Santos. O Eduardo Soveral era um dos grandes, deveria ter tomado parte durante todo o tempo mas apareceu pouco, vindo do Porto com as pernas inchadas de erisipela, coitado.
- 9 Da parte do Brasil o decano do grupo era o Miguel Reale – sempre acompanhado da mulher, D. Nucci, que não deixava escapar nada do que acontecia, seguia todas as comunicações com a maior atenção, entendia tudo de que se estava falando para depois poder comentar com o marido. Além do Reale e do próprio Luiz Antonio Barreto estavam o Antonio Paim, o Paulo Mercadante, o Nelson Saldanha, o Aquiles Cortes Guimarães, o Luiz Alberto Cerqueira, a Constança Marcondes Cesar, o Vamireh Chacon e eu.
- 10 Aquele primeiro colóquio foi tão bem sucedido que a partir de então ficou combinado que a cada ano seria repetido, nos anos pares um colóquio em Portugal, nos anos ímpares outro no Brasil, nos anos pares seria chamado Tobias Barreto e nos ímpares seria chamado Antero de Quental, dado que, em 1991, se festejava o centenário da morte do Antero.
- 11 Já lá se vão vinte e sete anos. No ano passado, no Porto, aconteceu o XVI Colóquio Tobias Barreto. O tema foi a Filosofia do Direito em Portugal e no Brasil. Quem diria, hem? Vinte e seis anos ininterruptos! Que beleza! Que sucesso! Na nossa cultura as iniciativas desse gênero não costumam durar tanto. E no entanto, aí estão as atas dos colóquios para provar o esforço que estes tem representado de reunir os pesquisadores de um lado e de outro do Atlântico, e o esforço também representado nos resultados que já foram alcançados pela pesquisa, resultados que revelam uma riqueza antes inimaginável de conhecimentos e de perspectivas acerca da nossa história e do nosso pensamento.
- 12 Imagine você, Esteves, que eu fui convidada – apesar de não ser nada do ramo – para participar do mais recente colóquio que versou sobre a Filosofia do Direito. Não sendo do ramo, como aponte, ainda assim enviei um trabalho para ser lido – se quisessem –, mas não pude estar pessoalmente presente porque a estas alturas, com oitenta anos, já as pernas não estão lá essas coisas para andar pelos aeroportos modernos. Como disse um amigo meu, o motor ainda está razoável mas a carroceria está muito gasta. Ou como digo eu, o prazo de validade já está esgotado, nem é bom facilitar. Entretanto, confesso que fiquei bastante frustrada de não ter podido participar pois o programa me pareceu riquíssimo. Agora aguardo para ver as atas quando saírem publicadas.
- 13 Não sei se os colóquios continuarão a acontecer. Oxalá assim seja. Oxalá o bastão continue passando de mão em mão. Já lá foram tantos os revezamentos realizados, como no antigo jogo das Olimpíadas gregas! Já lá se foram tantos dos nossos amigos queridos, alguns dos nossos mentores, tantos colegas pesquisadores! Lembro dos primeiros que se foram, logo no início dos nossos encontros, o António Quadros

primeiro, logo depois o Francisco Caeiro e, não demorou muito, o Afonso Botelho. Que falta nos fizeram!!!

- 14 Alguns anos depois foi a vez do meu querido professor e mestre, o professor Eduardo Abranches de Soveral, que tantas saudades já havia deixado aqui no Brasil quando voltou para Portugal, depois de ter passado mais de dez anos entre nós e de ter fundado com o Antonio Paim o curso de pós-graduação na área de Pensamento Português e Brasileiro na também saudosa Universidade Gama Filho. E pouco depois dele foi-se o nosso querido decano, o Professor Miguel Reale. E logo o Paulo Mercadante.
- 15 Nem preciso dizer a você o quanto sentimos as recentes perdas, primeiro a do Leonardo Prota, fundador do CEFIL, que cedo havia se unido ao nosso grupo e que patrocinava os encontros de Londrina na seqüência dos colóquios realizados no Brasil; e mais recentemente choramos a perda do Aquiles Côrtes Guimarães.
- 16 São recordações agrídoces, mas assim é a saudade, esse sentimento que vocês tão magistralmente têm analisado e cantado e que nós, brasileiros herdamos de vocês. Na etapa em que estou da vida, “recordar é viver” como diz o refrão de uma canção popular. E se evoco com enorme carinho cada uma dessas figuras que desfilam pela minha memória ao repassar os sucessivos colóquios, se evoco algumas das comunicações que muito me impressionaram pelo ineditismo da interpretação de tal pensador ou de tal idéia, as saudades apertam ao lembrar dos acalorados debates que de vez em quando ocorriam.
- 17 Também às vezes aconteciam episódios bizarros e inesperados. Você lembra, Esteves, daquela vez em que um dos rapazes – um muito novo, não me lembro o nome dele, não fazia parte do nosso grupo – resolveu criticar a forma como eram conduzidas as comunicações, afirmando que deveriam ser feitas em forma de diálogo com a platéia, para que todos pudessem se manifestar no decorrer da apresentação do texto e não após a leitura deste? Você lembra do momento em que a Nucci Reale, enquanto o Reale cabeceava de sono após o almoço, levantou-se e declarou que havia acompanhado o marido por quantos congressos de filosofia ele havia participado pelo mundo afora – não haviam sido poucos – e que sempre a liturgia dos congressos fora a mesma, não cabendo a ele, rapaz novo, querer ensinar aos mais velhos como conduzir os trabalhos... Nossa, foi um impacto e tanto ver aquela velhinha miudinha de dedo em riste dando uma lição... Reconduziu- nos a todos nós aos bancos do jardim de infância!
- 18 Noutra ocasião, você esteve naquele vôo para os Açores, quando o Paulo Mercadante sentou-se ao meu lado e desandou a revelar sua verve satírica sem mover um único músculo do rosto, a ponto de eu não conseguir conter a risada? Quando a Maria Alba, mulher do Afonso, – sentados ambos no banco à nossa frente – viajou de joelhos, virada para o banco de trás para ouvir as atrocidades que o Paulo ia dizendo? Todo mundo no avião ficou curioso ao ouvir nossas risadas e o Paulo permaneceu impassível, com aquele ar de Buda que lhe era peculiar. Você lembra?
- 19 Naquela viagem para realizar um dos Colóquios na Universidade dos Açores, também aconteceu que, ao chegarmos e subirmos na caminhonete que nos iria conduzir ao hotel, o motorista mandou que fôssemos empilhando as malas atrás do assento dele. Imediatamente o Ricardo Velez vozeou em surdina que, assim que a caminhonete desse início ao trajeto, as malas haveriam de despencar para cima do dito motorista. Não deu outra... A seguir, foi-nos anunciado que o Sr. Barão – não recordo o nome dele – gentilmente havia oferecido hospedagem no castelo dele aos mais graduados membros do grupo. Tratava-se de uma imensa honra. O Sr. Barão estava viajando mas havia posto

o castelo à disposição do Reitor da Universidade. Os demais participantes seriam acomodados em um hotel na orla de São Miguel.

- 20 Mas a noite havia caído. Ao adentrarmos o bosque que cercava o castelo do Sr. Barão, parecia-nos haver entrado no bosque da Branca de Neve. Os galhos secos das árvores avançavam para a caminhonete como a querer nos arrancar de dentro dela. Ao aproximarmo-nos do castelo, este estava às escuras. Logo uma luz surgiu em uma janelinha no topo do que haveria de ser uma escadaria no interior do castelo e principiou a descer. Através da escuridão, fomos aos poucos percebendo na entrada do castelo, acima de uns largos degraus, dois leões de pedra que nos pareceram uns grifos. Quando, finalmente, a caminhonete parou em frente à escadaria dos grifos, ninguém, mas ninguém, queria ficar hospedado lá.
- 21 A funcionária contratada para nos receber começou a ler a lista dos nomes dos que haviam sido agraciados com o convite. Além do Miguel Reale e Senhora, que já haviam sido levados para lá no carro do reitor da Universidade dos Açores, fora convidado o Professor Eduardo Soveral e Senhora. Landucha gemia baixinho que não queria descer da viatura. O marido insistia em surdina para que ela o acompanhasse. Cumpria obedecer. Finalmente ela aquiesceu às instâncias do marido, descendo da caminhonete com ar de quem vai para o cadafalso.
- 22 A seguir foi anunciado o nome do Paulo Mercadante e Senhora. Acontece que a Maria Elisa Mercadante não tinha ido ao colóquio dessa vez. Quando a mocinha leu o nome do Paulo Mercadante e Senhora ninguém respondeu. Ela repetiu. Silêncio. Pela terceira vez ela leu os nomes. O Paulo então gritou: – “Não vieram!” A mocinha passou para o nome seguinte da lista dos convidados do barão, Gerardo Melo Mourão. Que placidamente dormitava no banco de trás da caminhonete. Ao ser chamado, o Gerardo acordou, levantou-se e veio pelo corredor chamando alto pelo amigo: – “Vamos Paulo, vamos”. Como nós rimos, você lembra!?
- 23 Em compensação tenho uma bela lembrança de ir jantar à sua “morada” na “linha” em Lisboa. Lá estava a Margarida e as “miúdas”. Coloquei entre aspas as palavras que para mim são “estrangeiradas”, você entende. Conheci também sua filha mais velha, interessada em seus trabalhos, sua companheira, que mais de uma vez depois encontrei em eventos dos colóquios.
- 24 A Margarida desde logo me encantou com sua verve e os estudos que havia feito sobre a pré-história de Portugal. Acompanhei-a com as crianças à praia, certa vez em que permaneci em Portugal depois do colóquio, com uma bolsa de estudos, ocasião em que o Afonso e a Maria Alba me emprestaram o apartamento deles no Estoril.
- 25 Uma das minhas melhores recordações daqueles tempos é a da vez em que você esteve no Rio e me telefonou em um sábado à tarde. Meu filho mais velho estava estudando com os colegas para as provas da faculdade de engenharia. Eu precisava comprar algo para fazer um “lanche” para os rapazes. Fui buscar você no hotel e o levei comigo ao super-mercado. Você foi muito prestativo ajudando-me nas compras. Ao chegar em casa, fomos para a cozinha onde conversamos bastante enquanto eu preparava uns “sandwiches” para o “lanche” da turma. Meu filho jamais me perdoou tamanha falta de cerimônia para com um ilustre professor português. Em compensação, nem ele nem os colegas fizeram a menor cerimônia e você se divertiu bastante com a conversa e as brincadeiras deles. Sim, senhor, ‘seu’ Esteves, temos um longo passado de amizade. Ou melhor, nossa amizade tem um longo passado. Vejo-o sempre na visada da lembrança

com um meio sorriso no rosto, a tudo ouvir, sentado com ar descansado, meio à parte, sozinho, discreto.

- 26 Mas, cá para nós, por mais que você tenha parecido descansado, sei que você tem o mérito e merece muito da glória de haver fomentado, organizado e conseguido o financiamento para a grande parte dos nossos Colóquios, se não de todos. E com esse feito, por mais que você tenha outros méritos e não são poucos na sua carreira de intelectual, filósofo, historiador, cientista político, você merece todo o nosso reconhecimento.
- 27 Não sei, sinceramente não sei, qual será o saldo de todo o trabalho realizado e ainda por realizar com estes colóquios. Creio que algo ficará. Creio mesmo. O efeito do trabalho cultural é imponderável. Certa feita perguntei ao meu pai, então membro do Comitê de Ação Cultural da Organização dos Estados Americanos, a OEA, o que seria feito dos relatórios publicados pelo Comitê: sobre a assimilação das populações indígenas, sobre a disseminação do conhecimento recíproco entre os povos dos diferentes países do bloco, sobre a divulgação das obras literárias, historiográficas ou filosóficas dos diferentes países e por aí adiante. Ele me respondeu que o trabalho cultural é assim mesmo, pode ter a maior repercussão imediata e depois cair no esquecimento, pode ficar anos esquecido e um belo dia um pesquisador o irá descobrir e o irá aproveitar para benefício de muitos. E pode se tornar um clássico. Ninguém pode prever.
- 28 Os seus trabalhos, Esteves, sobre o Iluminismo português, sobre Pombal, sobre Verney, sobre Silvestre Pinheiro Ferreira, já são clássicos. Você pode agora não fazer mais nada. Pode se dar esse luxo. Se quiser pode só trabalhar no jardim, capinar. Ou ficar lendo o dia inteiro. Mas sei que não é homem para isso. Por isso espero continuar acompanhando sua carreira. Espero saber mais dos seus feitos.
- 29 Receba um grande abraço da amiga de sempre
- 30 Anna Maria
-

AUTOR

ANNA MARIA MOOG RODRIGUES

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formou-se no Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Obteve uma bolsa de estudos para fazer a pós-graduação na University of Kansas, onde obteve o grau de Mestre. Doutorou-se com uma tese sobre Antero de Quental na Universidade Gama Filho, tendo lecionado na área de Pensamento Luso-Brasileiro daquela universidade como Professora Titular. Obteve uma bolsa do Instituto Camões para aprofundar os estudos sobre o Pensamento Português. Presentemente está aposentada, mora em Araras, no estado do Rio de Janeiro.

Born in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. She obtained her Bachelor of Arts Degree at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. She obtained a Fulbright Grant to work for her Master's Degree at the University of Kansas, USA, and obtained her Doctor's Degree at the University Gama Filho in Rio de Janeiro. Her Doctoral Dissertation was on the Philosophy of

Antero de Quental. As Full Professor she lectured at the University Gama Filho in the area of Luso-Brazilian Thought until her retirement. At present, she is retired and lives in the mountain area outside of Rio de Janeiro.